

PROCESSO LÚDICO, MEDICALIZAÇÃO E INFÂNCIA:  
UM ESTUDO DESCRITIVO ACERCA DO IMPACTO DA MEDICALIZAÇÃO  
INFANTIL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

**Ana Jakellyne Pecori Viana<sup>1</sup>**

**Sirlei Mendes de Ramos<sup>2</sup>**

**Giseli Souza da Silva<sup>3</sup>**

**Resumo**

Estudar a possível relação de sofrimento traumático para a criança será de fundamental importância para podermos entender o funcionamento e o desenvolvimento do processo de aprendizagem escolar. E assim, contribuir na formação, amenizando o enfrentamento, ao se deparar com o impacto da medicalização. Portanto, o presente estudo visa identificar como o sofrimento psíquico da criança afeta seu aprendizado na escola. A medicalização infantil tornou-se comum, justamente por ser o meio mais rápido e simples para o tratamento do comportamento infantil, sem considerar todo o aspecto da vida da criança, como sua família, local de habitação, renda da família, desejos e vivências.

**Palavras chave:** Sofrimento. Medicalização. Infância.

**Abstract**

Studying the possible relation of traumatic suffering to the child will be of fundamental importance in order to understand the functioning and development of the school learning process. And thus, contribute to training, mitigating the confrontation, when faced with the impact of medicalization. Therefore, the present study aims to identify how the psychic suffering of children affects their learning in school. Child medicalization has become common, precisely because it is the fastest and simplest way to treat children's behavior, without considering the whole aspect of the child's life, such as family, place of residence, family income, wishes and experiences.

**Keywords:** Suffering. Medicalization. Childhood.

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Psicóloga da Unisepe. Especialista em Psicologia Organizacional UNIARA-SP. Mestranda no Programa Interdisciplinar em ciências da Saúde UNIFESP-SP. [anajakellyne@hotmail.com](mailto:anajakellyne@hotmail.com)

<sup>2</sup> Aluna de graduação do Curso de Psicologia da UNISEPE.

<sup>3</sup> Aluna de graduação do Curso de Psicologia da UNISEPE

### **Resumen**

Estudiar la posible relación de sufrimiento traumático para el niño será de fundamental importancia para poder entender el funcionamiento y el desarrollo del proceso de aprendizaje escolar. Y así, contribuir en la formación, amenizando el enfrentamiento, al encontrarse con el impacto de la medicalización. Por lo tanto, el presente estudio busca identificar cómo el sufrimiento psíquico del niño afecta su aprendizaje en la escuela. La medicalización infantil se ha vuelto común, justamente por ser el medio más rápido y simple para el tratamiento del comportamiento infantil, sin considerar todo el aspecto de la vida del niño, como su familia, lugar de vivienda, renta de la familia, deseos y vivencias.

**Palabras clave:** Sufrimiento. Medicalización. Infancia.

### **Introdução**

De acordo com Rabelo et al (2011), a noção de desenvolvimento está atrelada a um contínuo de evolução, em que nós caminharíamos ao longo de todo o ciclo vital. Entretanto, essa evolução, nem sempre linear, se dá em diversos campos da existência, tais como afetivo, cognitivo, social e motor. Essa evolução contínua não é determinada somente por processos de maturação biológicos ou genéticos. O meio (cultura, sociedade, práticas e interações) é o fator de mais importância no desenvolvimento humano.

Segundo Martín e Marchesi (1995), o conceito de problemas ou atrasos de aprendizagem é muito amplo. Seu significado abrangeria qualquer dificuldade observável enfrentada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizagem de seus colegas da mesma faixa etária, seja qual for o fator determinante deste atraso.

Segundo Ledoux (1991) os sintomas são perguntas mudas, mensagens por decodificar, mal entendidos, bem como expressões da verdade delas, assim, cabe ao psicanalista “ler nas entre linhas” os sintomas do analisando. Cabe lembrar, que como o autor comenta, que não se trata de reeducar as crianças nem de agrupá-las em rótulos esterilizantes, que muitas vezes a escola faz este papel de rotulação.

Podemos observar que o conceito de infância por muito tempo esteve atrelado à oposição ao adulto, somente após as transformações sociais e familiares que esta categoria passa a ser concebida e estudada. Sendo assim, Kramer (1984) afirma que “a ideia de infância, não existiu sempre, e da mesma maneira.

Para Werner (2005), a medicalização do fracasso escolar, encontra-se no processo de desmistificar o problema no âmbito da educação, que é uma das grandes questões nos sistemas educacionais, analisando situações que estão ligadas às dificuldades de aprendizagem. Segundo Werner (2005), saúde e educação possuem uma relação essencial e inseparável, pois o professor precisa conhecer o aluno por meios de observações e análises das interações escolares, que são úteis para se evitar um encaminhamento inadequado a um serviço de saúde.

Muitas crianças são encaminhadas para os serviços de saúde para que se detecte algum problema, que muitas vezes são comuns de acordo com a faixa etária, algumas relacionadas às dificuldades de aprendizagem e outras vezes não existe problema algum. Dessa forma são identificadas demandas falsas e reais nos encaminhamentos da escola aos serviços de saúde.

Evidencia-se que depois da família, como meio de socialização, a escola é a que mais contribui para os padrões comportamentais da criança, pois ela amplia seu mundo social, entrando em contato com outras pessoas e outros contextos. Neste viés, tonar-se importante compreender a forma como as escolas desenvolvem suas atividades, assim como a cobrança pelo desempenho pode reforçar ou diminuir os valores das crianças e modificar seus hábitos. Uma das funções da escola é proporcionar satisfação de necessidades sociais e recreativas que vão desenvolver habilidades importantes para o longo da vida.

Desta forma, a medicalização rotula como “patológicas” questões anteriormente definidas por outras áreas e, segundo Rosa, Veras e Vilhena (2015), de duvidosa natureza médica. Ainda assim, a criança continuará tendo um lugar quase de “objeto do adulto” nas dinâmicas psicossociais. Essa se torna vítima de processos sociais e psicológicos bastante complicados: a judicialização, a medicalização e a mercantilização da infância.

### **Discussão**

De acordo com Rabelo et al., (2011) a noção de desenvolvimento está atrelada a um contínuo de evolução, em que nós caminharíamos ao longo de todo o ciclo vital. Entretanto, essa evolução, nem sempre linear, se dá em diversos campos da existência, tais como afetivo, cognitivo, social e motor. Essa evolução contínua não é determinada somente por processos de maturação biológicos ou genéticos. O meio (cultura, sociedade, práticas e interações) é o fator de mais importância no desenvolvimento humano.

Assim, o processo de escolarização requer uma série de habilidades e competências que se constituem pré-requisitos para as aprendizagens que se processarão. É muito comum que escolares enfrentem problemas de ordens diversas nos primeiros anos de escolarização. Nesse período constata-se intervenções positivas e/ou negativas de uma gama de fatores de ordem interna (psíquica) quanto externa, tanto própria do indivíduo, quanto da escola ou do seu ambiente, capazes de interferir na aprendizagem e constituírem obstáculos à integração do do funcionamento psíquico.

Vive-se uma crise educacional que é do aluno, do professor da família, da escola, do sistema educacional e, como afirma Rocha (2004) apesar das dificuldades apresentarem-se no aluno, estas não constituem como um problema só dele, de forma que só podem ser compreendidas quando se olha para todos os processos interativos dos quais ele participa. Os comportamentos problemáticos e os sinais clínicos que acompanham o sofrimento depressivo da criança, são : baixo desempenho escolar, retraimento social, pobre Expressão afetivo emocional, choro fácil, irritabilidade, baixa auto-estima acompanhada de pensamentos negativos sobre si, sentimento culposos, intolerância a perdas e frustrações , alto nível de exigência consigo (ZIMERMAM, 1999).

Através da ação sobre o meio físico e da interação com o ambiente social, na qual a linguagem exerce papel central, processa-se o desenvolvimento e a aprendizagem do ser humano. Pelo desenvolvimento, a criança logo ao nascer vai se constituindo como um indivíduo diferenciado, dono de si mesmo e de suas vontades. É um processo complexo, em que a combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais produz

nele transformações. O desenvolvimento envolve aprendizagem de vários tipos, expandindo e aprofundando a experiência individual.

Sendo assim, de acordo com Zimmerman & Ozório (1997) o indivíduo desde o nascimento participa de diferentes grupos numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social. Todo indivíduo passa a maior parte do tempo de sua vida em grupos – convivendo e interagindo. Todo educador ensina à seu grupo, mas só sabe o que vai ensinar quando conhece o seu grupo.

Segundo os autores ainda é necessário ressaltar que um grupo não é meramente uma soma de seus integrantes, mas outra entidade com leis e mecanismo próprios e específicos. Com isso, observar-se que a brincadeira é uma atividade impulsionadora do desenvolvimento. Neste viés, este projeto se propõe a trabalhar utilizando jogos, brincadeiras, brinquedos e técnicas como forma de comunicação e interação com as crianças.

Neste viés, se faz importante compreender o que constitui a infância e como essa categoria surge. O historiador Philippe Ariès (1981) foi quem iniciou os estudos referentes ao surgimento da infância, tendo este relatado as grandes transformações ocorridas ao longo dos tempos, referente ao sentimento de infância. Afirma que “a descoberta da infância começou sem dúvida no século XVIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI” (ARIÈS, 1981).

Podemos observar que o conceito de infância por muito tempo esteve atrelado à oposição ao adulto, somente após as transformações sociais e familiares que esta categoria passa a ser concebida e estudada. Sendo assim, Kramer (1984) afirma que “a ideia de infância, não existiu sempre, e da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que muda a inserção e o papel social desempenhado pela criança na comunidade” (KRAMER, 1984).

Souza (2010) também se refere à Ariès como base para a concepção do conceito de criança. Segundo a autora, este autor permitiu pensar-se em criança “como cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo

em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas” (SOUZA, 2010 apud KRAMER, 2002, p. 43).

À medida que cresce, sustentada pelas imagens mentais que já se formaram, a criança utiliza-se do jogo simbólico para criar significados para objetos e os espaços. Kishimoto (2000), conta que o brinquedo propõe um mundo imaginário para a criança, dessa forma, à cadeira pode atribuir a função de um trono do príncipe, à vassoura de seu cavalo e à escada de seu tesouro. Pedroza (2005) afirma que “através da brincadeira, a criança tem a possibilidade de experimentar novas formas de ação, exercitá-las, ser criativa, imaginar situações e reproduzir momentos e interações importantes de sua vida, resignificando-os” (PEDROZA p. 62).

De acordo com Rabello & Passou, (2011) a noção de desenvolvimento está atrelada a um contínuo de evolução, em que nós caminharíamos ao longo de todo o ciclo vital. Entretanto, essa evolução nem sempre linear, se dá em diversos campos da existência, tais como, afetivo, cognitivo, social e motor. Essa evolução contínua não é determinada somente por processos de maturação biológicos ou genéticos.

Kramer (1984) vai de encontro aos autores quando afirma que “o desenvolvimento da criança é percebido como desenvolvimento cultural de suas possibilidades naturais da criança, ao invés de socialmente determinado e condicionado por sua origem social” (p. 22). Com isso, o meio (cultura, sociedade, práticas e interações) é o fator de maior importância no desenvolvimento humano.

Neste sentido, Moscovici (1997) corrobora afirmando que “o processo de interação humana é complexo e ocorre permanentemente entre as pessoas, sob forma de comportamentos manifestos e não-manifestos, verbais e não verbais, pensamentos, sentimentos, reações mentais e/ou físico-corporais” (p. 33). A escolha do grupo infantil deve-se ao fato da curiosidade das coordenadoras em conhecer e descobrir como ocorrem os processos de interação entre crianças.

Oliveira (2009) conta que a importância do brincar na infância enfatiza sua função facilitadora da transição para os mais altos níveis de desenvolvimento cognitivo. Isso porque, quando está brincando, a criança pode interagir com o mundo mais ou menos a sua moda. Nas palavras de Piaget, o brincar oferece à criança a oportunidade de

assimilar o mundo exterior as suas próprias necessidades, sem precisar muito de acomodar realidades externas.

Segundo Neves (1993), quando uma criança atinge o estágio das aprendizagens formais, já existe nela toda uma estrutura de conhecimento que reflete a cultura de sua família e de seu meio cultural. Desta forma, a utilização de jogos, brincadeiras de faz de conta, fabricação de desenhos e danças, são técnicas possíveis para crianças com essa idade.

De acordo com Almeida (2000), o ser humano nasceu para aprender, descobrir e apropriar-se de todos os conhecimentos, desde os mais simples até os mais complexos. Sendo assim, a criança torna-se na sociedade um ser participativo, crítico, criativo e espontâneo, sendo que a melhor forma de conduzir a criança à atividade, auto expressão e à socialização seria por meio dos jogos.

Para Piaget (1973), os jogos tornam-se mais significativos à medida que a criança se desenvolve, pois, ela passa a reconstruir objetos, reinventar as coisas, o que já exige uma adaptação mais completa. Neste sentido, o brinquedo faz parte da vida da criança, pois, simboliza a relação pensamento-ação e, sob esse ponto, usa-se a fala, pensamento e imaginação.

Pedroza (2005) também afirma que os jogos “representam uma fonte de conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento de recursos cognitivos e afetivos, que favorecem o raciocínio, tomada de decisões, solução de problemas e o desenvolvimento potencial criativo” (PEDROZA, 2005).

É importante também relatar sobre a contribuição acerca dos desenhos infantis, para compreender o desenvolvimento das crianças. De acordo com Freitas, Goldenberg & Yunes (2005), o desenho infantil é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento integral do indivíduo e constitui-se num elemento mediador de conhecimento e autoconhecimento. A partir do desenho a criança organiza informações, processa experiências vividas e pensadas, revela seu aprendizado e pode desenvolver um estilo de representação singular do mundo.

Neste contexto, cabe salientar que o pensamento não é o último plano analisável da linguagem. Podemos encontrar um último plano interior: a motivação do pensamento e de nossa consciência, que abrange nossas necessidades, interesses afetos e emoções. Tudo isso vai refletir imensamente na fala e no nosso pensamento ao longo do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1998).

Neste sentido, de acordo com Devries (1991), é difícil que alguma coisa prenda a atenção das crianças durante muito tempo. Sendo assim, ensinar brincando é uma forma de causar interesse, pois as crianças aprendem a se concentrar em uma só atividade quando ficam mais tempo fazendo aquilo em que estão interessadas e têm acesso a temas instigantes e adequados para a faixa etária delas. A dispersão também é aprendizagem, visto que trabalhar em grupo é a melhor forma de aprender a trabalhar dessa forma.

Nesta perspectiva Moscovici (1997) afirma que “a maneira de lidar com as diferenças individuais cria certo clima entre as pessoas e tem forte influência sobre toda a vida em grupo, principalmente nos processos de comunicação, no relacionamento interpessoal, no comportamento organizacional e na produtividade.”

Neste sentido, Moscovici (1994, p. 13) aponta que “alguns conflitos não podem mesmo ser resolvidos na situação presente, pois envolvem outras variáveis que transcendem possibilidades e recursos das partes conflitantes. São circunstâncias irremovíveis no momento. Que fazer?”.

Segundo Cunha e Mello (2017), o tratamento de pessoas com medicamentos se tornou um aspecto preocupante para a área de saúde e para as áreas sociais, uma vez que, o uso indiscriminado de fármacos é apresentado como propostas de melhorias para o desenvolvimento dos indivíduos sendo introduzidos não raramente, desde a infância.

A preocupação em relação à inserção de medicamentos de maneira abusiva na infância decorre dos efeitos referentes ao desenvolvimento dos alunos. O uso dos medicamentos leva à reflexão sobre a sua continuidade como recurso para o controle do comportamento desencadeando a análise da adoção de alternativas para a orientação destas crianças. Este fato, justifica-se pelas inúmeras classificações diagnósticas que

imperam e são disseminadas na sociedade fecham-se as possibilidades para a criança ao serem rotuladas e impedidas de falarem sobre o seu sofrimento.

### **Considerações finais**

Para Guarido (2007), a medicalização em larga escala das crianças nos tempos atuais pode ser lida também como apelo ao silêncio dos conflitos, negando-os como inerentes à subjetividade e ao encontro humano. Que o discurso pedagógico contribua para a manutenção desse tipo de recurso deve ser objeto constante de crítica em direção à possibilidade de que o lugar do ato educativo seja redefinido.

Deste modo, é preciso esquecer os rótulos e “olhares” e tratar a criança em sua totalidade e singularidade, escutando e tentando compreender suas dificuldades, aflições, medos, ansiedades, desejos etc. Na visão da perspectiva existencial, “o sujeito é visto como existência singular. Somos seres construídos por meio da experiência particular de cada sujeito e na relação com outros sujeitos” (DALGALARRONDO, 2008, p.36). Neste viés, através da literatura é possível pontuar e compreender as alternativas, possibilidades e estratégias que o sistema educacional tem a oferecer para o aluno, ressaltando a importância de estudar dentro da competência individual que permita o aprendizado.

É preciso compreender o diferencial de cada um, acreditar nas potencialidades humanas, dar condições para que os alunos cresçam dentro do seu processo de aprendizagem. Atualmente, estamos negando essa possibilidade às crianças que não têm o direito de serem crianças, e vêem seus caminhos atravessados pela medicalização e sofrimento psíquico, negando os acessos que irão pavimentar a estrada segura da transição da fantasia infantil para a experiência cultural partilhada da criança para o adulto psicologicamente saudável.

Seria preciso resgatar e exercer algo do domínio do ato educativo nas escolas sem que este tivesse antes que estar vinculado à observação de especialistas ou à orientação destes, permitindo que as crianças tivessem ao menos um pertencimento social não atravessado por suas denominações ou rotulações diagnósticas.

## Referências

- CRECHE FIOCRUZ. (2004). *Projeto Político Pedagógico*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- CUNHA, Janaina Arruda Pontes da; MELLO; LIMA, Lucia Maria de. “Medicação/medicalização na infância e suas possíveis conseqüências”. *Revista da Graduação em Psicologia* 4, (2, jul/dez de 2017). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/viewFile/15252/11733> Acesso em: 10 ago. 2018.
- DALGALARRONDO, Paulo. (2008). *Psicoterapia e semiologia dos transtornos mentais*. 2º ed. Porto Alegre: Artmed.
- GUARIDO, Renata. “A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação”. *Educação e Pesquisa*, 1 (33, 2007). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n1/a10v33n1.pdf> Acesso em 08 jul. 2018.
- JERUSALINSKY, Alfredo. (2004). *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- KRAMER, Sonia. (1984) *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. (1999). *Infância e Ilusão (Psico) Pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes.
- LEDOUX, Michel H. (1991). *Introdução à obra de Françoise Dolto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro. “Medicalização dos problemas de comportamento na escola: perspectivas de professores”. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0046.pdf> Acesso em 20 ago. 2018.
- NEVES, Maria Aparecida Mamede. (1993). *O fracasso escolar e a busca de soluções alternativas: a experiência no NOAP*. Petrópolis: Vozes.
- PERONDI, Dario; TRONCA, Sanvitto; TRONCA Zambon. (2001). *Processo de alfabetização e desenvolvimento do grafismo infantil*. Caxias do Sul: EDUCS.

QUEIROZ, Francisco Marcos de. “A medicalização da infância e da vida escolar (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade)”. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-medicalizacao-infancia-vida-escolar-transtorno-deficit-atencao-hiperatividade.htm> Acesso em 10 jul. 2018.

RABELLO, Elaine; PASSOU, José Silveira. “Vygotsky e o desenvolvimento humano”. Disponível em: <http://www.josesilveira.com/artigos/vygotsky.pdf>. Acesso em 11 jun. 2018.

ROSA, Carlos Mendes; VERAS, Lana; VILHENA, Junia. “Infância e sofrimento psíquico: medicalização, mercantilização e judicialização”. *Estilos da Clínica*, 2 (20, 2015). Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282015000200005&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282015000200005&script=sci_abstract) Acesso em 07 ago. 2018.

TEMPLE. Giuliana Carmo. Alunos Copistas: “Uma Análise do Processo de Escrita a partir da Perspectiva Histórico-Cultural”. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

TEMPLE. Giuliana Carmo. “A escrita na perspectiva histórico-cultural: metodologia etnográfica de pesquisa”. In: SOUZA, Marilene (org.). *Ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

WERNER, Jairo. (2005), *Saúde & educação: desenvolvimento e aprendizagem do aluno*. Rio de Janeiro: Gryphus.

VYGOTSKY, L. S. (1998). *Pensamento e Linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Artigo recebido: 22/06/2018

Artigo aprovado em: 29/07/2018

Número de ISBN

978-85-66848-18-2